



CABEÇA DE ESTUDO

(«Cliché» da Fotografia Brazil, Lisboa).

II série—N.º 564

ILUSTRAÇÃO

Lisboa, 11 de Dezembro de 1916

Portugal, colonias portuguezas e Hespanha

Assinatura Trimestre, 1\$20 ctv. — Semestre,

— 2\$40 ctv. — Ano, 4\$80 ctv. —

Numero avulso, 10 centavos

PORTUGUEZA

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA

Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.

Numero avulso em todo o Brazil, 600 réis

EDICÃO SEMANAL DO JORNAL «O SEculo»

Editor — JOSÉ JOUBERT CHAVES

SEMPRE AMAVEL



Graças ao Dentol, sou sempre amavel, tendo sempre vontade de sorrir.

A. CAVELL

O DENTOL (líquido, pasta e pó) e, na verdade, um desinficção soberanamente antiseptico, tendo ao mesmo tempo um perfume dos mais agradáveis.

Creado conforme os trabalhos de Pasteur, elle destrõe todos os microbios ruins da bocca: também impede e cura infallivelmente a carie dos dentes, as inflamações das gengivas e as dores de garganta. Em poucos dias dá uma alvura brilhante aos dentes e destrõe o tartaro. Deixa na bocca um frescor delicioso e persistente.

Sua acção antiseptica contra os microbios prolonga-se na bocca durante 24 horas pelo menos.

Posto puro em algodão, calma instantaneamente as dores de dentes por mais violentas que sejam.

O DENTOL encontra-se a venda em todas as principais Perfumarias, Farmacias e Drogarias de LISBOA e PORTO.

Vendas por grosso, R. Vasco da Gama, 29 e 31, LISBOA.

«CADEAU»

Basta mandar para M. Frère, 19-Rue Jacob, Paris, \$15 centavos em selos de correio, recomendando-se a «Ilustração Portuguesa», para receber franco pelo correio, um delicado cofreinho contendo um pequeno frasco de elixir DENTOL, uma caixa de Pasta e uma caixa de Pó.

Remedio para fazer crescer o cabelo

Recebemos de um dos nossos leitores a formula seguinte, que elle considera de grande importancia. O nosso correspondente diz-nos: «Esta mistura é um tonico para o cabelo, e sendo aplicada de manhã e á noite, por meio de fricção com as pontas dos dedos, de modo a faze-la penetrar bem no couro cabeludo, fará com certeza crescer o cabelo, curará a calvicie, restaurará ao cabelo grisalho a sua cor natural, e destruirá a caspa. Pedi em qualquer farmacia, que vos dêem, n'um frasco de capacidade de umas 125 gramas, 50 gramas de alcool a 90°, 7 decigramas de Menthol cristalizado, e 45 gramas de agua destilada. Pedi também, em outro frasco, 3 gramas de Lavona de Composéé, e cerca de uma meia hora antes de se fazer uso d'esta loção, deve-se deitar metade d'este ultimo preparado no outro frasco, tendo o cuidado de agitar bem a mistura. Usa-se o remedio durante dois dias, segundo a indicação acima, e então junta-se-lhe a outra metade da Lavona de Composéé.» Muitos leitores com certeza terão desejo de experimentar este remedio, cujos ingredientes se podem obter em qualquer farmacia. O nosso gentil leitor acaba o seu communicado com o seguinte conselho, mostrando a sim a fé que tem na eficacia d'este remedio: «Como esta loção faz na realidade crescer o cabelo, não deve ser aplicada onde não se deseja ter cabelo.»



Henri Manuel PHOTOGRAPHO D'ARTE

27, Rue du Faubourg Montmartre

Agencia Internacional de Reportagem

As mais importantes coleções de retratos de altas personalidades

REMÉDIO FRANCEZ
o mais antigo conhecido contra a

PRISÃO DE VENTRE

INVENTADO em 1802
VERDADEIROS

Grãos de Saúde do Dr Franck

(Véritables Grains de Santé du Dr Franck)
Em todas as Pharmacias e Drogarias.

DEPOSITARIO:
J. DELIGANT, 15, R. dos Sapateiros, LISBOA

TRABALHOS TIPOGRAFICOS

EM

TODOS OS GENEROS

Fazem-se nas

OFICINAS
DA

«Ilustração Portuguesa»

R. DO SEculo. 43—LISBOA

Grande marca franceza



CRÈME SIMON

PARA
conservar ou dar
ao rosto
FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmospha, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o CRÈME SIMON.

Os PÓS de Arroz SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção benefica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE d'OR, Paris 1900

J. SIMON, 59, rue du faubourg PARIS 10°
Saint-Martin

PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabellereiros.

Desconfiar das Imitações.

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME

Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, qulromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gail, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenilgney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos...



tos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis.



Ilustração Portuguesa

CRONICA

N.º 564

11-12-1916



Cartazes

Ainda não ha muito tempo que o cartaz artistico era desconhecido entre nós; appareceram, porém, as primeiras importações estrangeiras, houve quem se lembrasse de que tambem tinhamos pintores no paiz e fez-se a experiencia de abrir concurso para cartazes, experiencia certamente de resultados animadores, pois que se lhe succederam novos concursos, se não com frequencia pelo menos em numero sufficiente para provar que nem tudo o que temos em casa é mau.

Tem havido concursos, mais ou menos felizes, para cartazes de aguas de mesa e medicinaes, de marcas de automoveis, de livros e de teatros de declamação; agora uma empresa cinematografica, a do Politeama, abalançou-se tambem a entregar aos nossos pintores cometimento semelhante, premiando pecuniariamente os cartazes jul ados dignos d'essa distincção, inspirados na fita denominada *Circo da Morte*.



Fez-se uma exhibição particular, a que assistiram os futuros candidatos e sabemos que esteve concorridissima, de onde se deprende que temos em abundancia quem deseje trabalhar n'esse ramo e se julgue com aptidões para o fazer com exito. E mais se deprende que são numerosos os pintores portuguezes que necessitam de cem escudos e é esse talvez o lado mais interessante da questão, porque a quantia, em paiz onde as artes tem o respeito que merecem, de modo algum atrairia quem já tivesse nome feito. Entre nós atraiu e só temos que bemdizer a empresa que teve animo de a desmortalisar: que outras a sigam, são os nossos votos.

Sen'imentalismo

O portuguez é maldizente por condição, diga-se sem rebuço. O dito corrente de «não se pode ver uma camisa lavada a ninguem» indica perfectamente o que a maioria pensa do proximo, se ele se atreve a exceder um pouco a craveira comum.

Isto, que se poderia classificar de inveja, mas que não é mais do que um assunto predileto de conversa, torna-se evidente principalmente: quando se trata de alguém que sobresaia em artes e letras; entretanto, consiga esse alguém impôr-se pela perseverança, pela indiferença te mosa contra os ataques, pela confiança na sua boa estreira, pela resignação, e a revivolta é fatal; reconSIDERA-se, começam a apreciar-se as qualidades que se negavam, comen'a-se que o diabo não é tão feio como o pintam e de aí ao arrependimento e á consagração, va apenas um passo, que se galga rapidamente na primeira ocasião.

Crêmos que estes raciocinios podem applicar-se ao caso recente da hostilidade com que foi recebido o drama *O condenado*, do escritor sr. Afonso Gaio, seguida, apoz algumas justas reflexões, da penitencia e da apoteose referidas. Infelizmente não temos o sentido das proporções, como já tem sido observado; depreciamos de mais ou elogiamos de mais,



de onde resulta um desequilibrio que, n'um ou n'outro caso, pode levar a consequencias desagradaveis.

Oxalá que d'esta vez elas não venham a surgir e que se fique sómente n'isto: em que o comediografo sr. Afonso Gaio fez uma peça digna de ver-se, não inferior a muitas que tem sido recebidas com simpatia immediata.

O jogo

Lêmos que ha em Lisboa muitas casas de tavalogem e que a autoridade está resolvida a mandá-las fechar. Esta intermitencia de repressão, apregoadá publicamente, como se estivesse na vontade dos agentes o cumprir-se ou não se cumprir a lei, segun lo a fantasia dos mesmos agentes, é uma das coisas mais comicas que podemos mostrar aos estrangeiros que nos visitam em busca de curio-idades. Todos os argumentos estão gastos a favor e contra o jogo, parecendo, a quem tenha tido a paciencia de dar balanço, que os da regulamentação são em maior numero e de mais peso; mas se assim parece, porque não se regulamentá?



A resposta implica, de certo, com impenetraveis misterios, porque ninguém ainda a deu clara e categorica. No entanto, contemos um caso, a que assistimos: dois altos politicos discutiam, sendo um d'elles pró e outro contra o jogo, sobre a regulamentação. O que a aprovava, dava um praso:

— Dentro de dois mezes o jogo é regulamentado em Portugal.

— Não é tal; aposto, disse o outro.

Vão decorridos os dois mezes — e o que propôz a aposta e a ganhou está convencidissimo de que não jogou nunca!

Livros

D'esta vez é d'um só volume que temos a falar: *Teatro*, de André Brun, compreendendo 4 peças, ca la uma n'um ato, tres d'elas já representadas e uma publicada ha pouco tempo na *Atlantida*, a bela revista luso-brasileira. As peças são: *Código Penal*, *artigo 333*; *Ano novo, vida velha*; *Cavalhei o respeitavel* e *O primo Isidoro*. A's que se representaram já o publico fez justiça, aplaudindo-as; o *Ano novo, vida velha*, aplaudimo-lo nós agora, apenas pela leitura, antecipando-nos assim ao juizo das platéas que o ouvirem.

E' uma profecia facil de pronunciar, com a certeza de que se realisará, não pelos conhecimentos que temos das artes cenicás, mas pelo que temos do autor, cujo nome é uma garantia que afasta a hipotese de qualquer desmentido.



ACACIO DE PAIVA.

(Ilustrações de HYPOLITE COLLOMB).

AS RUINAS DE S. MIGUEL DE SEIDE

Foi num dia lindo de setembro que visitei Seide, na companhia do sr. José de Azevedo Menezes, escritor e erudito dos mais distintos deste paiz e illustre presidente da Comissão Camiliana de Fimalição. O meu respeitavel amigo e parente puzera ao meu dispor um automovel que em vinte e cinco minutos transpõe, sem pressa, a distancia que se para a nobre residencia do Vinhal da infortunada casa de Camilo. Pleno Minho, verdejante e claro. D'um lado e d'outro da estrada, festões de vides, floridas de cachos maduros, enroscam-se nas carvalheiras cobertas de poeira e de sol. O percurso é mau, como o da maioria das estradas de Portugal — mas o doce vergel minhoto, enfeitado de brenhas e de bouças, sorri na ternura fecunda do estio. O automovel toma por um caminho d'aldeia, entre carumas e casas pobres; detem-se um momento, n'um desvio d'um portal, sob uma ramada alta, para dar passagem a um carro de bois que sobe, chian-



Camilo Castelo Branco, em 1876

do, da labuta dos campos; continúa, saltando sobre os pedregulhos e as covas do atalho e, de subito, n'uma volta, entra n'uma especie de terreiro ou largo solitario e estaca junto d'um portão envelhecido e triste. E' S. Miguel de Seide. O meu amavel companheiro mostra-me, atraz do portão entreaberto, uma parede enegrecida e esburcada pela devastação d'um incendio. Apeio-me, como vido; olho longamente as ruinas humildes, erguidas como uma tragica e sacrilega imprecação, na claridade sem mancha da paisagem. E' o que resta da casa de Camilo. Os meus olhos fixam as ruinas, onde ainda se desenhavam o perfil chamuscado das janelas, das hobreiras das portas, as escadas de pedra enodoadas pelo sofrimento e pelo tempo, e o boqueirão quadrado, formidavel, sombrio, que o telhado, aluido pelas chamas, deixou, voltado para o ceu.

D'essa boca dolorosa e enorme, comida pelo fogo, dir-se-hia que sae um grito rouco de angustia e um halito de desgraça. E' um esqueleto,



Comissão promotora da homenagem postuma ao grande escritor Camilo Castelo Branco e mais pessoas que intervieram na escritura de venda das ruínas da casa de Seide, dos livros, autografos, mobiliario e ob'ectos de uso do fecundo romancista. Sentados: Rodrigo Terroso, notario, e D. Raquel Castelo Branco, netá de Camilo, tendo á esquerda do seu sobrinho, Camilo, e por detraz, em pé, sua cunhada D. Maria Barbosa de Azevedo. De pé, da direita para a esquerda: dr. Arnaldo da Silva Mota, que serviu de testemunha; Daniel Augusto dos Santos, da comissão; Antonio José Nogueira, professor em Seide e tambem testemunha; José de Azevedo e Menezes, presidente da comissão; Camilo, Nuno, Simão e Manuel Castelo Branco, netos de Camilo e a mãe d'estes, D. Ana Rosa Correia; Francisco Correia de Mesquita Guimarães, tesoureiro da comissão; Manuel Pinto de Sousa, secretario; Alfredo Camilo Castelo Branco, sobrinho de Camilo, Francisco Maria de Oliveira e Silva, da comissão.



D. Ana Plácido, viscondessa de Corrêa Botelho, segunda mulher de Camilo.

aquilo — mas contorce-se, soluça, blasfema, como um uivode desespero, na ecloga tranquila e terna do horizonte. Desmantelado ninho da fatalidade, que abrigou o genio da maior desventura portugueza do seu tempo, dilacerado, queimado, quasi informe, a sua agonia enluta e enche o espaço. Contem-

construir, ao lado da habitação do Mestre e que, depois, Ana Plácido concluiu. Prevenidos da nossa visita, esperavam-nos. Viram o automóvel e desceram ao nosso encontro. Estendo a mão aos descendentes de Camilo, examinamo-os com curiosidade. Não é difficil lêr-lhes no olhar e nas faces o estigma de infortunio, que foi a sua herança.

Atravessamos então o portão e entramos juntos no quintal da casa de S. Miguel de Seide. A' nossa esquerda, ergue-se logo a pequena e celebre memoria comemorativa da visita de Castilho e Tomaz Ribeiro á tebaida do escritor. Nem essa pobre coluna foi poupada pelas injurias da adversidade.

A furia e o vandalismo de garotos apedrejaram-na, mutilaram-na. Ana Correia mandou-a restaurar, mas as cicatrizes ficaram, rasgadas e visiveis, na pedra. Mais meia duzia de passos — e estamos em frente das ruinas da morada do grande escritor do «Amor de Perdição.» Uma arvore esbraceja, esguia e melancolica. E' a acacia do Jorge. Percorro com a vista o lugar santo. José de Azevedo Menezes e Rachel vão guiando a minha devoção.



Comissão promotora de homenagem a Camilo Castelo Branco, em Seide, em 17 de abril de 1916, assinando a escritura de compra das ruínas da casa do grande escritor, junto da memoria erigida por D. Ana Plácido, para comemorar a visita de Castilho, príncipe da Lira Portugueza, de Tomaz Ribeiro, Eugenio de Castilho e José Cardoso Vieira de Castro. Sentados: Rodrigo Terroso, notario, e Ayres Rodrigues Alves, escrevente. O signal + indica o sr. José de Azevedo e Menezes, presidente.

plo aquela mancha, roída pelo fogo — e oiço, oiço claramente, no ar diafano e azul, a voz de dôr que dela se eleva; sinto-a atravessar os montes e alagar os prados, como um eco de tempestade; sufocar o noivar dos ninhos e inundar as veigas e os pinheiras; rolar na imensidade indifferente da Natureza; abafar como um grito enorme de loucura, a paz virgiliana dos casaes e das cearas — estrebuxar, sofrer, gritar o seu agoiro e a sua miseria! Descubro-me, instintamente; amarrado ao chão, áquelle chão sagrado e amargo, não posso desprender os olhos do templo derruido e doloroso.

Uma palavra corta o meu torpor e a minha devoção. Ao meu lado está uma neta de Camilo. E' Rachel, filha de D. Ana Correia. A dois passos, conversando com o meu companheiro, um rapaz magro, anguloso, modesto. E' Nuno, outro neto do romancista. Moram ambos com sua mãe na casa fronteira, que Silva Pinto começou a

Além era, o quarto de Camilo; n'aquella janela, do outro lado, voltada para a estrada, o seu gabinete de trabalho. Foi ali que, ha vinte e seis anos, n'uma tarde de Junho, quente e doce como esta, o romancista apontou um revolver á cabeça — e se matou. Aquella terra que eu piso, pisou-a ele, outr'ora; deante desta paisagem, em que sorri a graça dos jardins, esmoreceu e apagou-se a luz da sua vista,



Camilo, do «Album das Glo-rias», caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro.



sepultura viva de dois grandes desgraçados, expia ainda o destino tremendo da dôr sem nome — longa noite sem alvorecer! — que abrigou. Oiço, de novo, a voz fatídica que se ergue das paredes desmornadas e do silencio das coisas. E' a mesma voz de ha pouco, imprecando e soluçando; é a mesma voz que pragueja e implora; é a mesma voz de sombra, estrangulada e rouca! E' a voz da des-

graça, presa, aguilhoada àquela morada do genio. Tenho de fugir d'ali, preciso de fugir d'ali — d'aquelle espectro de casa em que resôa, eterna, uma alma de castigo e de fatalidade!

de infortunio em infortunio e de sombra em sombra! Subo uns degraus — olho o cenario admiravel, iluminado pelo sol de setembro. Além, é Prazins; acolá Landim, Ninães, a montanha de Monte Cordova. Todos estes nomes evocam a obra e a gloria do Morto — são almas que se fundem na recordação imortal da sua alma.

... O automovel vôa, na estrada clara, ao lado de vinhedos ternos e arvores em que ruflam azas. E' a georgica, emotiva e doce, do Minho que volta. E só então compreendo bem o sonho encantador do meu amigo José de Azevedo Menezes e dos seus devotos companheiros camilianistas de Famalicão que vão, piedosamente, reconstruir em breve, e reconstituir a casa do romancista, para lá instalar, junto do Museu, com tudo o que resta das recordações do mestre, uma escola de primeiras letras. Sim! Que o esvoejar das creanças, despertar inquieto de madrugadas, inunde, como uma chama de sol, aquela morada de expiação! Talvez, quem sabe? — a voz da Inocencia e da Alegria, consiga abafar a voz da Desgraça e da Dôr e resgatar,

E, n'esse momento, parece-me que as velhas paredes desabrigadas se unem, tomam fôrma, revestem o seu antigo aspéto e a sua antiga vida. Vejo Camilo em cima, junto á mesa em que escrevia; descubro sobre a sua cabeça o longo bonnet de pala que lhe resguarda os olhos. O modesto aposento anima-se da sua existencia familiar. Sobre a larga mesa, a jarra que esteve em Africa na sepultura de Vieira de Castro; aos lados, os bustos de Herculano, Pascal e Racine que Camilo tinha no seu gabinete; perto da sua mão palida e tremula, o tinteiro, a caneta, a caixa do rapé. Vejo a poltrona, onde ele se sentava; o divan, que teve depois, durante horas, o seu cadaver. E, como uma sombra que passa, atravez de uma vidraça, no outro extremo da casa, parece-me vêr o vulto pesado, sofredor, silencioso, de Ana Placido — que recorda e chora.

A realidade desfaz as nevoas da



1. Objectos que figurarão no futuro Museu Camilliano, que vae ser instalado na casa de Camilo, em Seide: — bustos de Herculano e Racine, pasta e boneis que pertenceram ao grande escritor.
2. Objectos do futuro Museu Camilliano: candelero, tinteiro, penas, caixa de rapé, lenço, carteira, chapéu, etc., que pertenceram a Camilo.

minha imaginação. O fantasma das ruinas ergue-se, ante mim, — implacavel e tragico. Deus do ceu, Deus das infinitas amarguras, Deus das lagrimas e do perdão! A casa de S. Miguel de Seide,

no sonho e na candura, o longo pezadelo d'aquelas paredes malditas!

AUGUSTO DE CASTRO.

(Para o livro no prelo, *Camilo Castelo Branco*, da casa Ventura Abrantes).

Guerra de cobardes

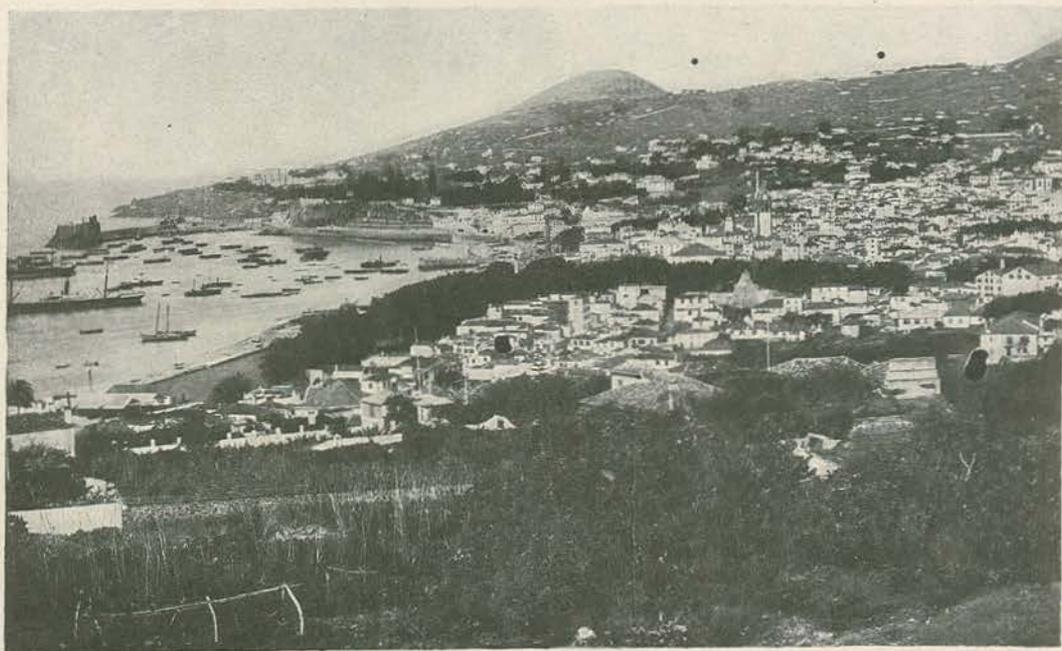
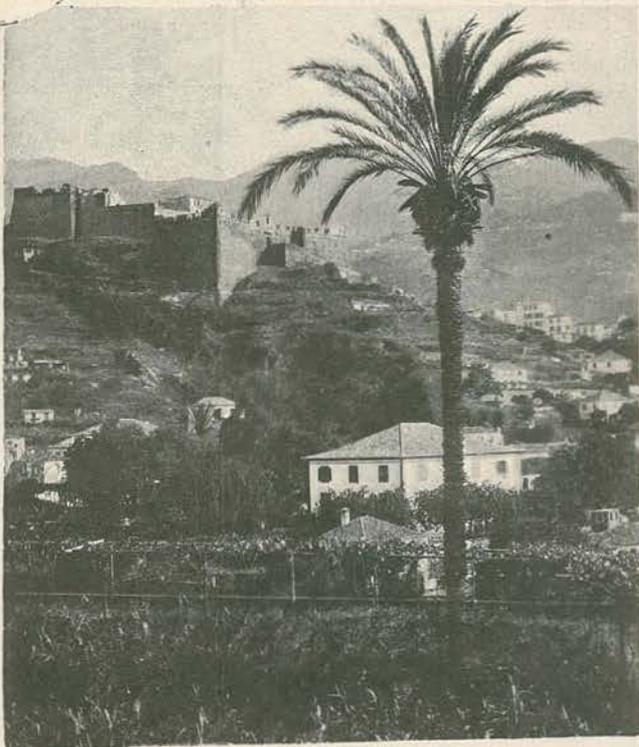
O porto do Funchal foi o nosso primeiro porto alvejado pela guerra traiçoeira, infame, covarde, que está fazendo a Alemanha, e já tardava que ela, indigna do nome de nação civilizada, não aproveitasse, graças de certo á espionagem que entre nós mantém como infelizmente em todos os paizes, um ou outro ponto das costas portuguezas, n'um dado momento menos apercebidos de meios de defeza maritima, para teatro das suas proezas selvagens.

Um submarino seu entrou no porto da nossa formosa ilha da Madeira, onde os alemães gozaram sempre a mais confiante, para não dizer excessiva, hospitalidade e onde talvez ainda hoje alguns agozam, por pecados nossos, e ahi torpedeou a canhoneira franceza *La Surprise*, cujo paiol explodiu, morrendo o comandante, dois officiaes e trinta e um homens da tripulação. Depois afundou uma barcaça carregada de carvão e o transpor e francez *Kangaroo*, que ali estava a concertar e que fez fogo sobre o traiçoeiro inimigo até submergir-se. Em seguida meteu no fundo o vapor inglez *Dacia* que havia pouco entrara, escoltado pela canhoneira *La Surprise*. A bordo d'esta trabalhavam homens da casa Blandy, empregados no carregamento de carvão, morrendo 7 e ficando 5 feridos.

Não contem e com estas torpes façanhas, atirou 50 granadas para cima da cidade do Funchal, visando sobre tudo a bateria do parque do Casino da Quinta da Vigia, o forte de s. Tiago, a estação do cabo submarino e a dos geradores da electricidade, que não sofreram nada de apreciavel. Algumas granadas alcançaram a casa Blandy, a residencia Perestrelo, o coreto do jardim municipal e uma casa

de bordados, não havendo, felizmente, mortos nem feridos.

As baterias de terra reponderam com fogo vivissimo ao ataque do submarino, mas, devido á grande agitação do mar, os tiros eram incertos, retirando-se ele a troco de insignificantes prejuí-

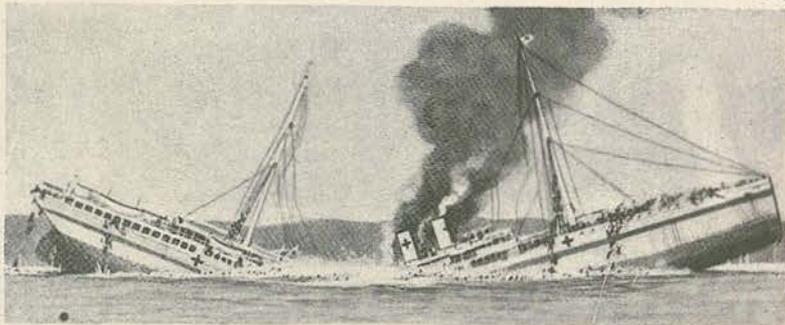


1. A fortaleza de S. João no Funchal.—2. O porto do Funchal vendo-se na riba, á esquerda de quem entra, a Quinta da Vigia, d'onde uma bateria disparou sobre o submarino, e á direita, no primeiro plano, a parte da cidade mais atingida pelas granadas do inimigo.

(«Clichs» dos distintos fotografos, srs. Perestrelo & Filhos).

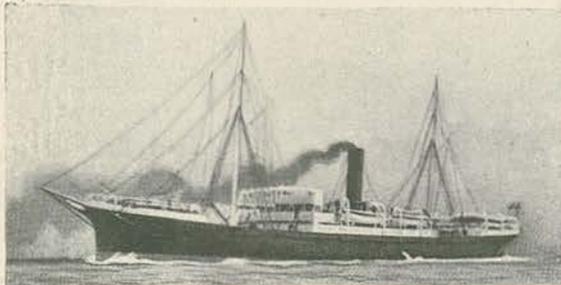
zos depois de duas horas de tiroteio.

De certo que não haverá um só coração português que deixe de vibrar indignado contra tão cobarde desafio e ansioso por que entremos na luta paravincarmos-nos d'esta e outras afrontas, e ao lado dos nossos aliados, contribuirmos para a subju-

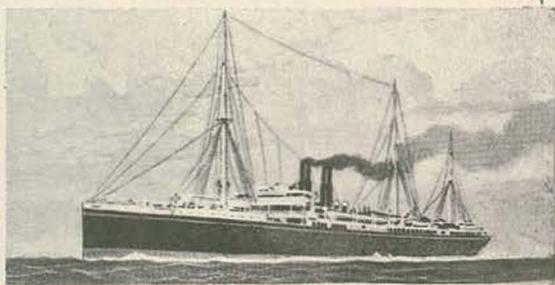


O vapor *Portugal*, navio hospital ao serviço do governo russo, torpedeado pelos alemães, causando a morte a muitos feridos e a enfermos e marinheiros

gação de um povo que constitue um perigo para a paz da Europa e do mundo inteiro. E' ele a causa de tantos milhões de mortos e de tantos kilometros cobertos de ruínas! Tem de pagar os seus crimes.



O vapor *Memphos*, afundado pela explosão de uma mina em Durrazo. Pereceram cinco pessoas, tendo a sua tripulação dado provas de uma grande coragem.



O vapor *Ville de la Ciotat*, torpedeado pelos alemães, que nem tempo deram a que se salvassem os desgraçados que lam dentro. Pereceram 81 pessoas.



A barca *Emília*, torpedeada pelos alemães, antes da partida do Porto para a sua ultima viagem (Cliché da Sociedade A' la minuta).

A Cruz Vermelha Brasileira



Desde 1908, data da sua organização, nunca mais a obra da Cruz Vermelha Brasileira deixou de corresponder aos altos designios para que nascera. A sua divisa *In pax et in bello caritas* tem-na noiteado de forma brilhante e benemerita, digna de todo o louvor. D spõe hoje de todos os recursos indispensáveis às instituições d'este ge-

A Cruz Vermelha Brasileira acaba de dar à Portugalga prova mais penhorante de quanto se interessa por nós n'esta difficil conjuntura, em que vamos partir para a guerra. Oficialmente apresentada, delegou para junto das nossas primeiras tropas expedicionarias uma das suas damas enfermeiras mais distintas, a sr.^a D. Adelaide de Almeida



Primeira diretoria feminina: — 1. Madame Bernardina Azeredo, 1.^a vice-presidente; 2. Baroneza Elisario Barbosa, presidente; 3. Madame Anita de Barros, 2.^a vice-presidente, que tem o mesmo cargo na actual directoria; 10. Madame Sousa e Silva, 3.^a secretaria; 11. Madame Heloisa Leal, 1.^a tesoureira, que tem igual cargo na actual directoria. — **Actual directoria feminina:** — 4. Madame Luzia de Souza Bandeira, 1.^a vice-presidente, que foi 2.^a tesoureira da primeira directoria; 5. Madame Wenceslau Braz, presidente; 6. Condessa de Souza Dantas, 1.^a secretaria, que teve igual cargo na primeira directoria; 25. Madame Herminia Austregesilo, 2.^a secretaria; 24. Madame Idalla Porto Alegre, 2.^a tesoureira.



nero e tem-lhe merecido particular cuidado a preparação pratica do pessoal para desempenhar a sua bela missão, patriotica e humanitaria, onde quer que ela seja solicitada. Das suas directorias fazem parte as figu as mais distintas e prestigiosas da primeira sociedade do Rio, que com acrisolado altruismo põem ao serviço de tão benemerita causa os seus melhores esforços.



Madame Adelaide de Almeida Borges Barreto, dama enfermeira, que se encontra em missão em Portugal.



Directoria: — 7. senador dr. Alfredo Ellis, 1.^o vice-presidente; 8. dr. Thaumaturgo de Azevedo, presidente; 9. senador dr. Epifanio Pessoa, 2.^o vice-presidente; 12. dr. José Carlos Rodrigues, 3.^o vice-presidente; 13. general dr. Ferreira do Amaral, 4.^o vice-presidente; 15. Conde Afonso Celso, 5.^o vice-presidente; 23. dr. Getulio P. dos Santos, 1.^o secretario; 22. dr. José A. Bolteux, secretario geral; 1.^o dr. Taclano A. Monteiro, 2.^o secretario; 15. Orlando Rangel, 1.^o tesoureiro; 17. Almirante Marchesini, 3.^o secretario; 18. dr. Padua de Resende, 2.^o tesoureiro; 19. dr. Carlos Sampaio, procurador; 14. almirante J. Carlos de Carvalho, procurador; 21. dr. Alvaro Berford, procurador.



O 1.º DE DEZEMBRO



Na Praça dos Restauradores. — A guarda de honra prestando homenagem ao sr. presidente da Republica e ao sr. Norton de Matos, ministro da guerra, e coronel sr. Mousinho d'Albuquerque, ministro do interior, à sua chegada à praça dos Restauradores.

Na fôrma dos anos anteriores realisaram-se as manifestações patrióticas para celebrar o aniversario da independência de Portugal em 1640. A' sessão solene, efectuada pela Associação Primeiro de Dezembro no historico palacio do conde

de Almada, onde se reuniram os conjurados, assistiram o sr. presidente da Republica e os ministros da guerra e do interior, havendo á noite iluminações em muitos edificios publicos e particulares e no monumento da Avenida da Liberdade.



No monumento da Liberdade. — O sr. presidente da Republica, o coronel sr. Ramos da Costa, presidente da Comissão 1.º de Dezembro, e outros membros da mesma comissão, na ocasião dos discursos proferidos junto do monumento.

O Velho Mundo em guerra

O avanço do inimigo na Romenia tem agravado sensivelmente o aspeto da situação dos aliados no Oriente, mas, e sencialmente, não ha ainda maior razão para desanimar. Se os austro-alemaes, á hora a que escrevemos, avançam sobre Bucarest, blasonando que nada os impedirá de tomar a capital romena, avançando para sudoeste com o plano de cairem mais tarde sobre Salonica, o que é facto é que se começa a desenhar



O rei Fernando da Romenia e seu filho mais velho, examinando na carta do seu paiz o avanço do inimigo.

denodadamente á invasão e com a eficacia do auxilio dos russos ainda a pode fazer recuar. Todos os contingentes das tropas aliadas, que se encontram no Oriente, ajudam tambem os romenos, cuja sorte lhes está hoje tão intimamente ligada que o insucesso d'eles se pode refletir seriamente na grande causa de todos

nós que lutamos contra a ambição desenfreada dos imperios centraes. Agora que, depois de tantos fra-

casos no ocidente e tambem ali, começa a sorte das batalhas a sorrir-lhes um pouco, voltam eles a falar dos seus desabalados projetos de fazer do Luxemburgo um estado confederado, de anexar parte da Belgica á sua bacia mineira, de conservar os territorios invadidos da Lithuania e Courlandia, de acrescentar os seus dominios coloniaes e, por ahi adeante, uma serie de coisas a absorver que bem podem ir encontrar o seu termo fantastico na conquista do mundo inteiro!



O estado maior instalado no forte, d'onde rechacaram os alemães.



Metrhadoras alemãs encontradas em Douaumont.

uma nova ofensiva russa para intervir na luta que se trava sobre o territorio da Romenia. Tem tardado sem duvida essa intervenção, devido a causas cujo segredo podem mesmo ser uma garantia do seu exito, mas ainda vem a tempo de evitar que o sacrificio, a que se prestou o estado do rei Fernando, atinja o extremo da perda da sua independencia.

A séde do governo já mudou de Bucarest para Jassy. Mudaram tambem os representantes dos paizes estrangeiros que lá se encontravam. Escusado é dizer que este facto produziu dolorosa impressão por todo o paiz;

o exercito romeno, porém, continua a opôr-se

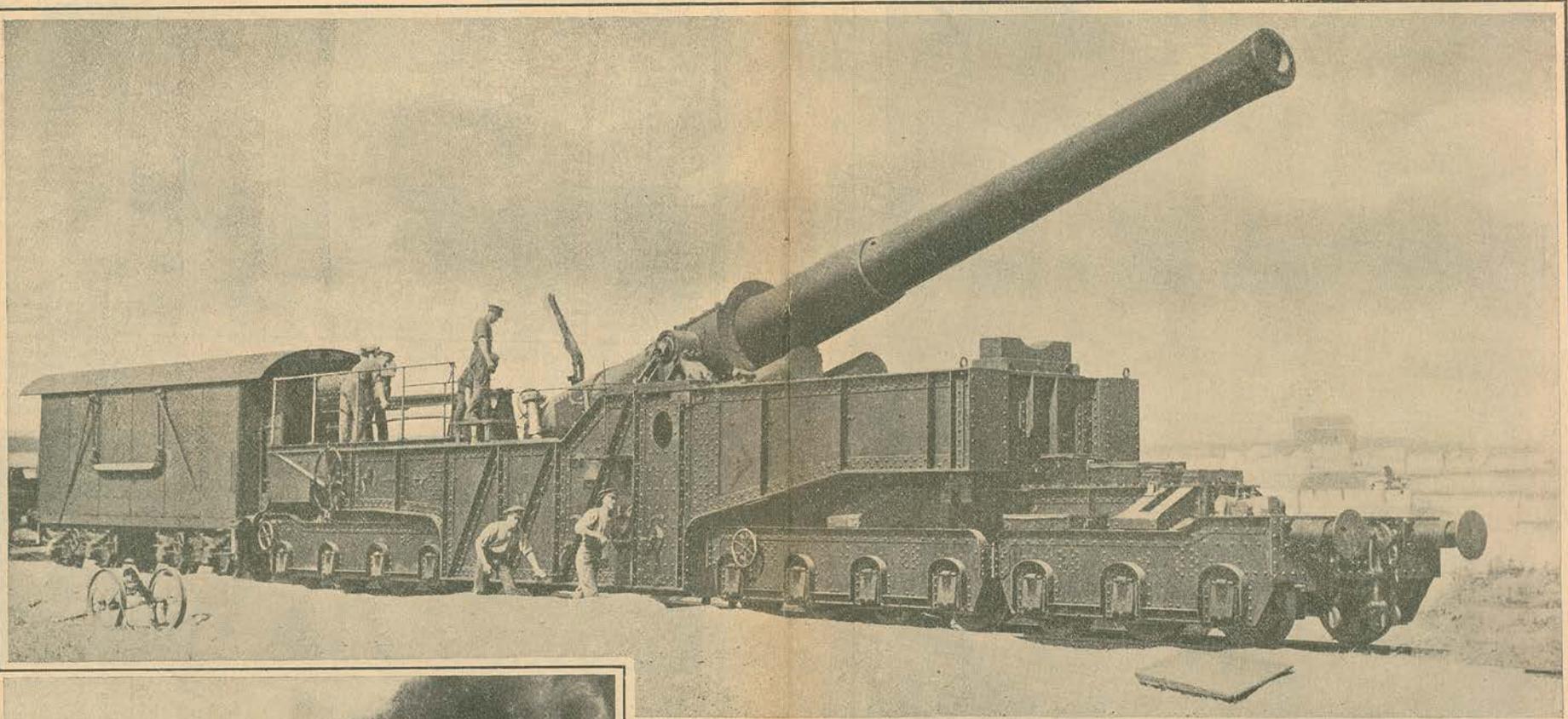


O príncipe herdeiro da Servia, que tão notavel se tem tornado na expulsão dos invasores do seu paiz.

Quando isto se aventa deante de alguns sucessos só dentro da Romenia, que faria se a sorte das armas lhes fosse menos adversa nos outros pontos!

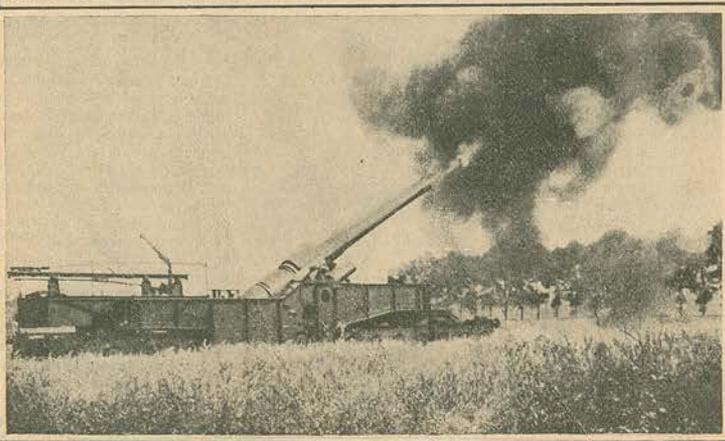
Deus nos livre!

A FORMIDAVEL ARTILHARIA INGLEZA

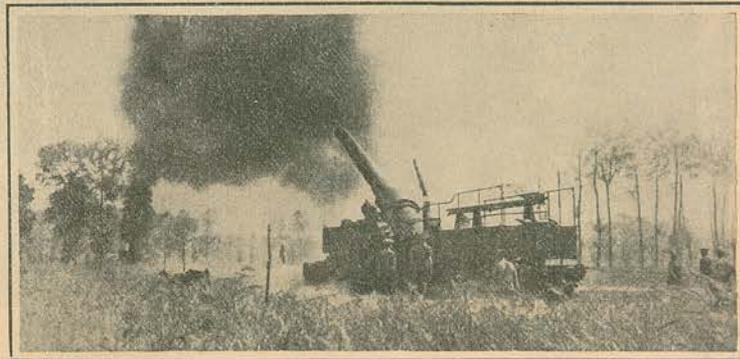


O grande canhão inglês

No principio da guerra, eram os canhões alemães que infundiam pavor pelo seu tamanho e pelo estrondo dos seus tiros. Ha muitos mezes, porém, que eles estão suplantados pelos ingleses, que cada dia apresentam mais gigantescas dimensões e uma exactidão de tiro admiravel. O modelo que reproduzimos hoje, em fogo na linha occidental, leva a morte e a destruição ao campo inimigo, a muitos kilometros de distancia. Constitue a ultima palavra da fundição de canhões e dos progressos da balística. Pesado e enorme, o seu aspecto tem o que quer que seja de leve e de elegante, movendo-se com extraordinaria facilidade de um ponto para o outro.



O grande canhão inglês fazendo fogo sobre o inimigo



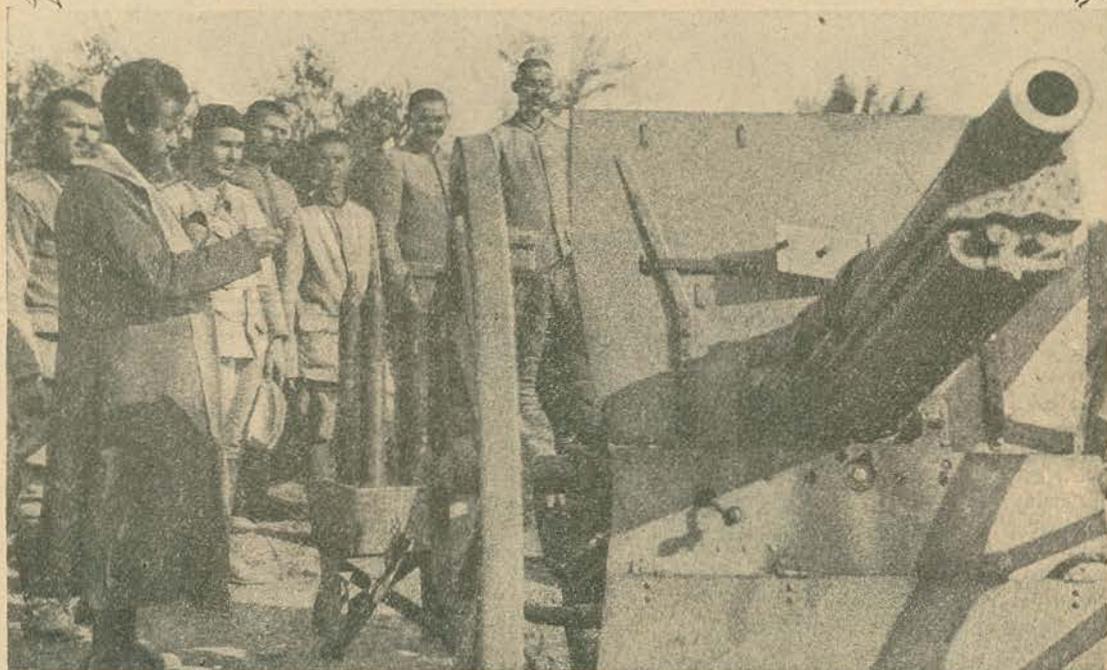
Outra posição do grande canhão inglês em acção — (Litchés Sphere)



A catedral de Verdun, vendo-se no largo prisioneiros alemães feitos por francezes



O generalissimo Joffre encontra-se com o general Cardona em Sabola



Religião e artilharia. — Um padre servilo abençoando um canhão Howitzer antes d'ele começar a fazer fogo.

(The Illustrated London News).



Na frente ocidental: O príncipe Artur de Connaught, primo do rei Jorge V, entrega condecorações aos oficiais e soldados de Verdun.

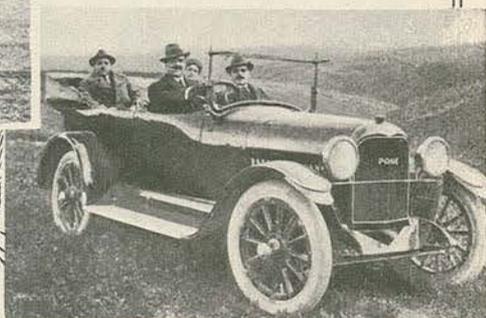
Portugal na guerra



Vão partir, enfim, os primeiros contingentes de tropas portuguesas para a linha ocidental da grande luta. Se alguns ainda podiam vacilar sobre a oportunidade e o dever de nos irmos bater além com os alemães, o ataque brutal do submarino contra o Funchal e aos navios ancorados no seu porto veio provar-lhes que é mais do que tempo de correspondermos á sua agressão no campo em que o podemos fazer. Ao lado dos aliados não é só o uni-

co ponto em que nos devemos bater; é tambem o unico onde podemos alimentar a radiosa esperança da victoria.

O país inteiro deixa-se, por fim, ganhar desta convicção. Ainda bem!



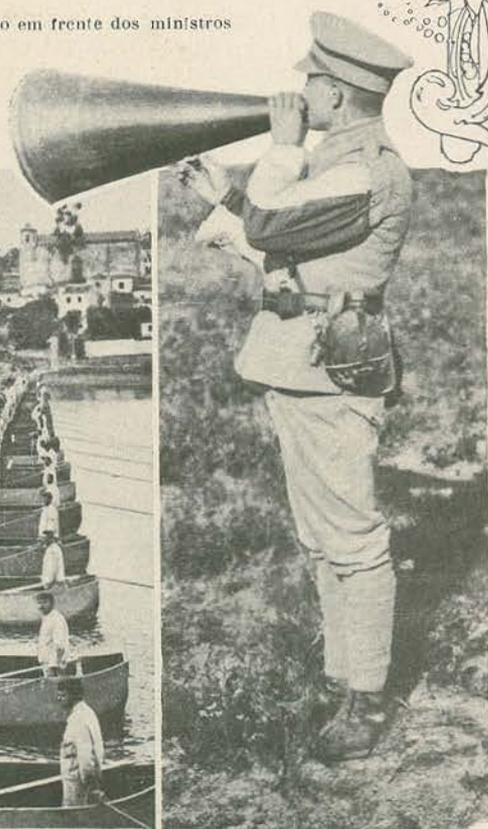
Em Tancos. — 1. Exercícios de armas combinadas. Artilharia regressando dos fogos reaes. — 2. O coronel sr. Abel Hipolito, comandante em chefe das forças de artilharia da divisão, falando com o major sr. Amílcar Pinto e o capitão da bateria em fogo. — 3. O sr. dr. Manuel Alegre, governador civil de Santarem, assistindo aos exercícios no seu novo automóvel «Paige». — 4. Dentro dum pinhal. Uma peça preparada para escapar á vigilancia de um aeroplano.



Em Tancos: Um regimento de infantaria desfilando em frente dos ministros da guerra, sr. Norton de Matos, e das finanças, sr. dr. Afonso Costa, general sr. Tamagnani d'Abreu e Silva e oficiais da divisão militar anglo-francesa.



A artilharia no regresso dos exercícios, passando a ponte de barcas, montada pela engenharia, secção de pontoneiros, entre o Arriplado e Tancos.



Um soldado sinaleiro de artilharia dando ordens a uma bateria de artilharia pelo megafone.

(Clutches Benoliel).

PORTUGAL PITORESCO

Quiz o sr. Braz Coelho, do Porto,
um dos nossos fotografos amadores



Praia de Miramar.—Ca pela do Senhor da Pedra

mais distintos, mimosear a *Ilustração Pctu-ueza* com estas duas paginas artisticas que tão agradavelmente fazem reviver aos nossos olhcs a bela paisagem do norte do nosso paiz, que não nos cansamos de admirar, tão variada, tão encantado-



Margens do rio Leca



Arredores de Braga.—Costumes minhotos



Arredores de Braga.—Casa de moinho

ra, tão característica. Em poucos pontos a água e a terra se juntam, se combinam, em tantos contrastes de luz e de formas



Arredores do Porto.—Paranhos

(Clêchês do sr. Braz Coelho, do Porto).

Rio Leça.—Manhã d'outono.

e nos deixam enlevados nas suas doces harmonias.

A paisagem do norte de Portugal faz lembrar, por acidentes, recortes e matizes, a dos nossos Açores que os turistas admiram como das primeiras do mundo.

FIGURAS E FACTOS



O sr. José João Grave, antigo interprete da extinta Mala Heai Portuguezia e pae do nosso camarada do «Seculo» e actor do teatro Republica, sr. Jorge Grave, a quem damos os mais sentidos pezaes. O falecido contava 68 anos e deixa viuva a sr.^a D. Joaquina Oliveira Grave.



O sr. Francisco de Paula de Macedo e Brito, antigo chefe dos extintos corpos da fiscalisação externa das alfandegas e avô do zeloso empregado da secretaria do «Seculo», sr. Amadeu de Macedo, a quem endereçamos os nossos sentimentos, victimou-o uma lesão cardiaca.



A sr.ª D. Clara Augusta Pedroso de Lima, esposa do capitalista sr. Matias Pedroso de Lima, de vila Nova de Poiares, onde faleceu na idade de 64 anos e onde era muito estimada,

Exposição pedagogica. — Devido aos incançaveis esforços do distinto professor sr. Albano Saraiva, dignissimo inspector escolar das Caldas da Rainha, realisou-se nesta vila uma importante exposição pedagogica que foi muito apreciada, tendo corrido a elatodas as escolas da respectiva circunscrição.



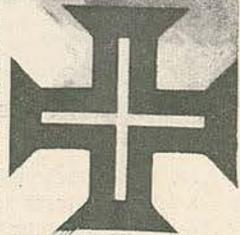
Marrocos e Tres Mestres da Ordem de Cristo.

O sr. dr. Vieira Guimarães, illustre escritor e arqueologo distinto, um dos mais devotados admiradores do grandioso monumento de Cristo, em Tomar, é o au-



O sr. dr. Vieira Guimarães

tor do precioso livro de que reproduzimos o desenho da capa, *Marrocos e Tres Mestres da Ordem de Cristo*, publicado pela Academia de Ciencias de Lisboa por ocasião da comemoração do quinto centenario da Tomada de Ceuta.



6. O sr. Albano Saraiva, inspector escolar e o organisador da exposição pedagogica realisada nas Caldas da Rainha. — 7. Professorado do circulo escolar das Caldas da Rainha, vendo-se no primeiro plano, sentados, á esquerda, o chefe da repartição de instrução primaria e normal, e á direita, o sr. Albano Saraiva, inspector do circulo.



1. O sr. José Leal, comerciante e proprietário, sócio da firma José Leal & Irmão, falecido em Santo Amaro de Oeiras e sepultado no Alto de S. João.—2. O capitão de cavalaria sr. Artur Pereira de Mesquita, ferido nos últimos combates com os alemães ao norte de Newala, África Oriental Portuguesa.—3. O sr. Carlos Rodovalho Duro, desenhador

da Companhia das Águas e secretário da Escola Industrial Marquez de Pombal, e falecido em Lisboa. Era irmão do antigo redator do *Seculo* sr. Rodovalho Duro (*Le Jaleco*), a quem a *Ilustração Portuguesa* envia os seus sentimentos.—4. O capitão de Infantaria 7, sr. Inácio do Crato Simões Fogaca, falecido em Leiria. Era natural do Algarve e pertencia à divisão que finalizou os seus exercícios em Tancos.—5. O general de brigada reformado sr. Albino Alberto Ferrel, falecido em Aldegalega.

6. **Corpos dirigentes do Centro Republicano de Buenos Aires.**—Sentados, da esquerda para a direita: os srs. Eduardo P. Andrade, Augusto C. Costa, Antonio Lopes Agrelos, Manuel Botelho e Augusto Gasilva; em pé: os srs. Luiz Carvalho, Teófilo Carinhas, José Palma e Vitorino Gomes.



O gabinete de trabalho do chefe das oficinas de fotografatura do *Seculo* e da *Ilustração Portuguesa*, vendo-se as paredes cobertas com as capas d'este *magazine*. Sentado, o sr. João Vicente ampala, chefe das oficinas; em pé, o fotografo sr. João Canela. — (clichê do distinto fotografo sr. João Canela).

Melhoramentos em S. Tomé



S. Tomé. — Tanques filtros que abastecem de agua potavel a cidade, denominada «Agua Mareira».

O sr. Antonio Jorge Rodrigues, um apreciado fotografo amador, envia-nos amavelmente do Fundão estas duas interessantes fotografias que tirou ha pouco em S. Tomé e

pelas quaes se vêem os cuidados que tem merecido ao seu governo e administração local o abastecimento de agua potavel na cidade.



S. Tomé. — Rio, denominado «Agua Grande», que atravessa a cidade entre dois paredões para que se não extravie.



PARA ENCADERNAR A

“Ilustração Portuguesa”

Estão à venda bonitas capas em percaline de fantasia para encadernar o primeiro semestre de 1916 da «Ilustração Portuguesa». Desenhos novos de ótimo efeito.

Preço: 400 réis

Também ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou em rendas postaes. Cada capa vae acompanhada do indice e trontespicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO “SEculo”

Rua do Seculo, 43
LISBOA



PÓ DE ABYSSINIA EXIBARD
Sem Opio nem Morphina.
Muito eficaz contra a **ASTHMA**
Catarrho, Oppressão
35 Anos de Bom Exito.
Medalhas Ouro e Prata.
H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^{as}
8, Rue Dambasle
PARIS
E BOAS PHARMACIAS

FOTOGRAFIA
Reutlinger
A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
21, Boulevard Montmartre
PARIS
TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

Perfumaria Balsemão
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Lêr na proxima quarta-feira o
Suplemento de MODAS & BORDADOS D'O SEculo
Secções de: Modas, Correspondencia, Figurinos e Bordados
INTERESSANTES CONCURSOS



Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anonyma de respons. limitada

Ações.....	300.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e amortisação.....	296.400\$000
Réis.....	150.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobrelinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Louza), Vale Maior (Abergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

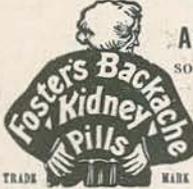
LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276
PORTO — 49, R. de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto
Companhia Prado. Numero telefonico
Lisboa, 605—Porto, 117.



CHA HORNIMAN

DORES DE COSTAS



As Pílulas FOSTER para os Rins
são sem rival para combater: dores de costas e dos membros, lassidão dos mesmos, doenças e fraqueza dos rins e da bexiga e das vias urinarias, calculos, nevralgias, rheumatismo, hydropsia; envenenamento do sangue pelo acido urico, etc.

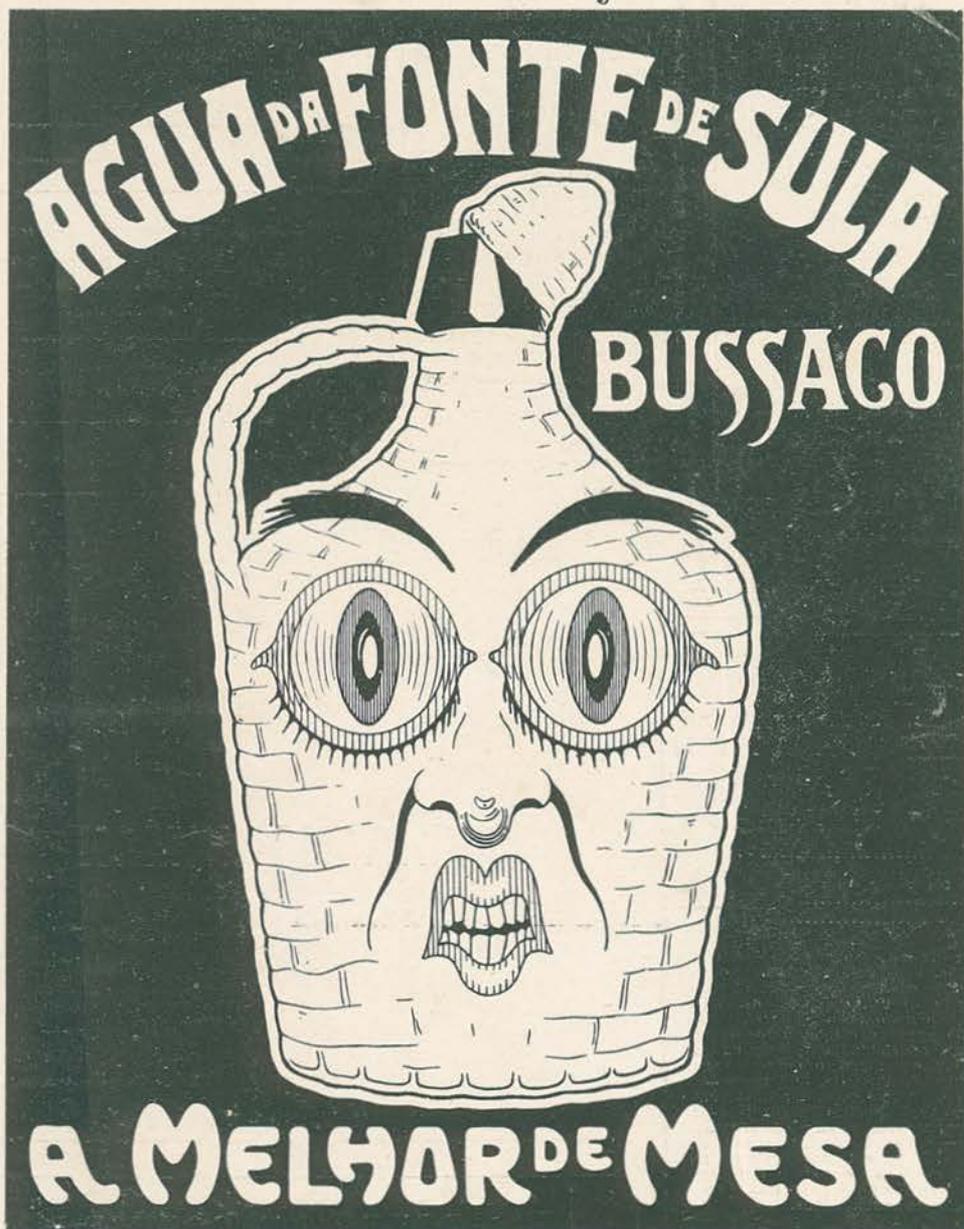
As Pílulas Foster para os Rins encontram — se à venda em todas as pharmacias e drogarias, a 800 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: JAMES CASSELS & C^{as}, Succes.,
Rua Mousinho da Silveira, Nº 85, Porto.

PURÍSSIMA

A mais alta classificação sob o ponto de vista bacteriológico

Hiposalina-silicatada-chloretada-sódica, sem vestígios de substâncias orgânicas — notavelmente radio-ativa, ionizada, rica em gases raros



A VENDA EM TODA A PARTE.

A 5 centavos (50 réis) o litro, em garrações de 5 litros

CONCESSIONARIO: *Humberto Bottino*

Telefone 3:035

R. Alves Correia, 193
LISBOA

Telegramas: REMEMBER



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SECULO, 43—LISBOA

OFICIO LEVE



Fantoches morto, fantoches posto.

PALESTRA AMENA

Economia

Economias, senhoras e senhores, economias, é o que se ouve prégar, com argumentos fortísimos.

De fóra, de França, da Inglaterra e de outros paizes ajuizados, nos vem o exemplo, dizem; o que nos compete fazer é segui-lo, e isso, acrescentam, pouco custará a um povo que não hesita um instante em se adaptar aos habitos exóticos, não se preocupando se são ou não razoáveis.

Ora, d'esta vez, continuam, são razoáveis. Gastando á larga, mais depressa faltará tudo, mais depressa cairemos na miséria: não desperdicem carvão, aproveitem os papeis velhos, usem fatos remendados, comam barato, andem a pé, não ofereçam joias, não paguem ceias, nos teatros vão para os galinheiros, etc., etc.

Bem sabemos que estas medidas de beneficio, para muita gente são de prejuizo; mas essa, restringindo igualmente os seus gastos, poderá continuar a viver e se assim é sacrificada não tem de que se queixar, visto que o sacrificio é geral.

E d'aí nem é necessario ir procurar o exemplo aos estrangeiros, podiam ainda dizer: aqui estamos nós, cronistas bem conhecidos pela nossa opulencia, ao mesmo tempo vivendo d'um emprego publico ha 30 anos e consequentemente gosando de todos os luxos escandalosos que proveem d'um ordenado mensal para cima de vinte escudos, que já introduzimos na nossa existencia as seguintes economias: poupámos os palitos, substituidos por fosforos aguçados, depois de terem servido como acendalhas; suprimimos a verba do engraxador, engraxando-nos a nós proprios; deixámos crescer a barba; não nos lavamos senão sumariamente; suprimimos todas as relações ilicitas, pagas; finalmente, como medida mais eficaz e de maior alcance, deixámos de pagar as dividas que contraímos periodicamente, o que constituia, a bem dizer, a nossa maior despesa.

O nosso aspeto, depois d'estas deliberações em execução, confessamos que é pouco atraente, e o nosso socego alguma coisa tem sofrido, porque os crédores nos perseguem e nos insultam—os patifes. Mas deixá-lo; sigamos os conselhos dos que nos prégam economias, convencidos de que o povo portuguez, no estado de penuria em que vive—porque remendado, poupado no combustivel e na agua, mal comido, habitando casebres sem o menor conforto, endividado até ás orelhas, já elle está ha muitos anos—sigamos os conselhos, dizemos, dos que estão convencidos de que este povo ainda pode economisar mais.

Se puder, declaramos que vamos fazer confissão geral e penitenciar-nos da nossa irreligiosidade, porque d'esse dia em diante acreditamos em milagres, como já hoje acreditariamos, se o celebre cavallo do inglez tem resistido á experiencia de viver sem comer.

JOSÉ NEUTRAL.

Novo hino

Os mancebos da Liga Naval vão ter um hino, havendo já encomendado a letra e a musica.

Parece-nos inutil o trabalho e a despesa. Podiam perfectamente adoptar a musica do *Saricoté* e, com pequenas alterações, a respetiva letra, porque se calhar os pequenos tambem vão ao conde.

Noticia de sensação

«RIO DE JANEIRO, 25—O ator Carlos Leal declarou que é a ultima «tournée» que faz ao Brazil.—C.»



Eis aqui um telegrama
Deveras sensacional!
O artista de maior fama
Que temos em Portugal
Na comedia e mais no drama
Sa-se com esta, afinal!

Não volta mais aos Brazis!
Mas então o que s'rá
D'esse formoso paiz
Onde canta o sabiá
Se o grande ator, como diz,
Teimando, não volta lá?

E' ser privado d'um bem
Da maior estimação;
E' como perder alguém
Que nos enche o coração,
Perder o pae ou a mãe,
Perder um filho, um irmão!

E sob o ponto de vista
Propriamente teatral,
Perder assim um artista
Como é o Carlos Leal,
Um compadre de revista
A bem dizer genial,

Era tão grande revez
E tanto de lamentar
Como se o povo francez
Perdesse a Sara Bernhardt!
Tão grande? Maior talvez,
Mais duro de suportar!

Não, senhor: não ha direito
De assustar um povo aflito;
O Carlos é bom su etto,
E em pensando um bocadito
Manda ao diabo o despeito,
Dá o ditto por não ditto.

Soceguem, pois, os Brazis,
Não tremam inutilmente,
Que ele não faz o que diz,
Foi um «gesto» inconsciente;
São arrufos infantis,
O que n'um genio é corrente.

Hão-de vêr que muita vez
O mancebo voltará;
E até se acaso vocês
O quizerem ter por lá
Dois anos ou mesmo tres...
Cá por nós não se nos dá.

Mã-Lingua.

DE FÓRA

A cigana da buena-dicha

Chamel hoje a mulher da «buena-dicha». Porque ha quem diga e até quem ass... Que esta gente adivinha o que se quer: Se um homem casa, se a canela espicha.

Leu ela a minha morte na Rabicha, Que o meu nome darel a uma Ester. E tambem que o estafermo da mulher. Mais teimosa ha-de ser do que uma bicha.

Mais me profetisou que a atual guerra. Tem o seu fim no proximo verão, Mas a duvida atroz em mim se aferra.

Qual carapuça! O termo da questão. E' ficarem dois homens sobre a terra, Sósinhos—a jogar o bofetão.

BRAMÃO DE ALMEIDA.

Aliados a arder

A Companhia dos Tabacos acaba de lançar no mercado uma nova marca de cigarros com o título de «Aliados».

Salvo melhor opinião, parece manifestação germanofila.

Decreto importante

A estas horas a Europa deve estar em tremeliques, com os olhos fitos em nós. A espétativa foi demorada, aliado e imperios centrais espreitavam a nossa atitude, mas finalmente Portugal entrou galhardamente em campo, com o seguinte decreto:

«E' fixado o diapasão normal de vibrações, correspondente ao *lá* da 2.ª corda do violino.»

Não sabemos se leram bem: não são 869 nem 871 as vibrações; não é *me* nem *sol*; não é a primeira nem a terceira corda; não é o trombone nem a



caixa de rufo. E' isto, que se deve repetir para que se fixe bem: 870 vibrações e *lá* da 2.ª corda do violino!

—Mas qual é o resultado de tal medida? perguntarão as pessoas que não estão nos segredos da alta politica do ministerio.

Ora não sejam tansos! As 870 vibrações farão immediatamente baixar o cambio, o *lá* reduzirá o preço das subsistencias ao da uva urinona; quanto a 2.ª corda e ao violino resolvem num abrir e fechar de olhos a falta de transportes e quiçá o problema da venda do cacau.

Agora é que ficou tudo na afinção.

Será assim?

Lê-se nos jornais uma larga declaração do conhecido medico sr. Tomaz de Melo Breyner, a qual principia por estas palavras: «Eu tenho pela fonte de Vidago um sentimento de ternura e de amor, quasi paixão.»

Bem: vê-se que é de uma declaração de amor que se trata, o que já seria estranho; mas ha mais, e é a seguinte afirmação:

«Apesar de me ser pedida a minha impressão de medico não posso esquecer que sou tambem gente...»

Até prova em contrario estamos convencidos de que o doutor assinou sem lêr. Ou então as aguas de Vidago farão muito bem ao estomago, mas tornam evidentemente o cerebro.

Aqui ha coisa.

Vitelas e bois

Como se ainda fossem poucas as preocupações que nos atormentam, aparece-nos agora mais uma ameaça no horisonte: a de ficarmos sem bois. O alarme é dado por algumas camaras municipaes, que se estão insurgindo contra a «matança de vitelas» e já representaram superiormente no sentido de se evitar essa calamidade.

Estamos de acordo com a represen-



tação, mas afigura-se-nos que não pede o suficiente; a matança de vitelas equivale á destruição de futuras vacas e por consequencia ao desaparecimento das mães dos bois e das vacas; mas se não se matarem as vitelas, abatendo-se unicamente vitelos, imaginam as ditas camaras que assim tem assegurada a propagação da especie bovina, isto é, que as vacas darão á luz sem intervenção do macho?

Parecem-nos dignas de muita ponderação estas transcendentis considerações.

Notas de arte

Continúa certa senhora a ensinar nas colunas de um nosso colega da noite, varios processos de ornamentação, para o que aproveita escamas de peixe, penas, estampilhas, serradura, etc.

Nas mesmas colunas tem ela consultório, onde responde a varias consulentes—mas, não sabemos por que traça, muitas das perguntas tem sido remetidas para a redação do *Seculo Comico* e em nosso nome, em logar

EM FOCO



Teixeira Lopes

Dá vida ao gesso, mas não é de gesso,
Por isso da cadeira se demite
N'uma carta que sabe a dinamite
Embora açucarada não começo.

O motivo da carta não conheço,
Porém, julgando a causa por palpito,
Acho que ele andou bem fazendo um quite,
A quem o trata assim, com menospreço.

Pois quê? imaginava que um artista
Por ter, como ele tem, um grande nome
Seria vencedor n'esta conquista?

Que viva... do talento que o consome,
Tenha paciencia, que faz bem á vista,
E está com sorte em não morrer de fome!

BELMIRO.

de seguirem para o seu legitimo destino.

Emfim, por hoje responderemos, mas de futuro vão bater á porta da referida madama.

X. T. (Povoa)—Desejava oferecer um almofadão a uma amiga. Como devo ornamenta-lo com originalidade?

Resposta—Aplique-lhe v. ex.^a aparas de calos, pegadas com cuspo, formando flores. E' delicadissimo.

Violette Em que devo entreter os meus ocios?

Resposta—Em qualquer trabalho proprio de menina modesta, como o seu apelido indica. Exemplo: tocando berimbau.

Vera—Tenho feito os bordados de cabelo aconselhados pela sr.^a D. L. de S. aproveitando o cabelo que me cae quando me penteio. E a caspa? hei de desperdiça-la?

Resposta—Não, senhora. A caspa guarde-a na caixinha de pó de arroz e polvilhe-se com ela, quando sair.

Heloisa—Produzem lindo efeito as applicações de grãos de pimenta com que, a conselho da sr.^a D. L. de S. enfeitei o corpo do meu vestido creme, mas na unica mercearia da povoação onde vivo não ha mais pimenta em grão. Posso substitui-la por qualquer outro ingrediente, porque ainda me falta enfeitar a saia?

Resposta—Pode, sim, senhora; substitue-a com vantagem por excremento de ratos, seco.

Noticias teatraes

—Afim, o verdadeiro condenado da peça do sr. Afonso Gaio, foi o ator Pato Moniz. Nunca se deu tanta bordoadas n'um artista—perdendo-se aquelas que caíram no chão.

—A atriz Maria Matos, em vista do exito da peça o *Inferno*, devido, decerto ao desempenho d'aquella illustre atriz, anda já a estudar outro *truc* nervoso para as sogras das proximas peças. Provavelmente deitará a lingua de fora nos lances de mais feito.

—Cresceu muita comida do almoço do nosso amigo Afonso Gaio. Parece que vae ser aproveitada para um jantar oferecido ao Felix Bermudes.

—Chegou do Brazil a atriz Etelvina Serra. O paquete em que veio esteve para ser atacado por um submarino, mas os *boches* tendo avistado a bordo a formosa artista, humanisaram-se perante tanta beleza junta. Toma!

—Anuncia-se para breve uma peça nova no Republica: *D. Cesar de Bazan*.



Cá

está

O

Jerolmo

Pergunta-me um leitor se é fantasia, Se existe algum *Jerolmo* realmente; Existe; é o sujeito aqui presente, De aspeto rude e chelo de energia.

Não usa no que diz diplomacia, Não tem papas na lingua, nunca mente, Elogia ou condena toda a gente, Quer dizer, mais condena que elogia.

O musculoso varredor de feira As leis gramaticas não reconhece, Cada termo que escreve, cada asneira.

—Ignorancia! direis; não me parece; E' que o *Jerolmo* é dado á brincadeira E cada povo tem o que merece...

Talma.

PIADA DO MARQUES

A esposa do Marques tem ultimamente passado muito mal com uma inflamação nos olhos, rebelde a todo o tratamento.

Hontem, estava o Marques no escritorio concluindo a sua tragedia para o teatro Nacional, quando a esposa rompe por ali dentro desesperada.

—Ai Marques! Que mal me sinto com estes olhos?

—Tem paciencia, filha. Peor estarias sem eles.

MANECAS ATOR



1.—Convitado pela empresa
Do Apolo, a representar,
Manecas, com a surpresa
Põe-se a rir, põe-se a cantar.

2.—Recebe-o com aparato
Roldão, e logo o convida
A beber bi-carbonato,
Pois não toma outra bebida,



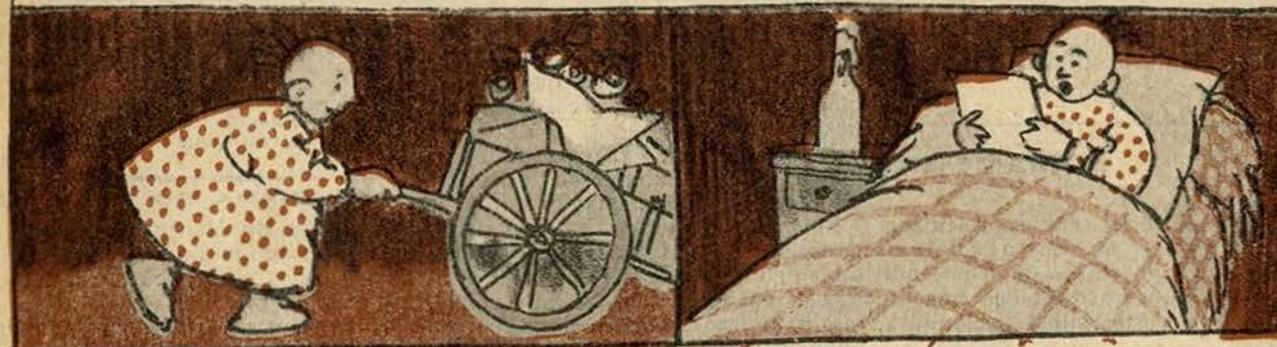
3.—D'essa maneira animado
Entra em cena o novo ator
E é de tal modo engraçado
Que em breve causa furor,

4.—Recebe mil ovações
N'um delírio sem igual,
Palmas, ramos, coscorões
Porque é perto do Natal...



5.—Charutos, brindes janotas,
Relógios, anéis, pulseiras,
Correntes, carteiras, botas,
Chapeus, bengalas, cadeiras,

6.—Tanta coisa que, passado,
Quando muito um quarto d' hora
Só se vê ao desgraçado,
A cabecinha de fóra!



7.—E quando a peça termina
Tem de alugar p'ró transporte
Vinte galegos de esquina
Mais um carro, e está com sorte.

8.—Na caminha, enfim, se pilha,
Mas um bilhete funesto
Do capitão da quadrilha...
(P'rá semana vem o resto).